

Os engenheiros do caos

Autor: Giuliano da Empoli

Resenha por: Maria de Fátima Almeida

“Uma mentira pode dar a volta ao mundo enquanto a verdade leva o mesmo tempo para calçar os sapatos”

Mark Twain

Muitos de nós ficamos perplexos com o fato de pessoas com um perfil muito diferente do de Bolsonaro tenham aderido à sua campanha. Foi duro assistirmos, por exemplo, parentes e colegas replicando “fake news” nas redes sociais ou até exibindo fotos fazendo arminha com a mão, em franco contraste com valores por eles e elas anteriormente professados.

O livro “Os engenheiros do Caos”, de Giuliano Da Empoli, apresenta elementos que nos ajudam a compreender o fenômeno, que não acontece só no Brasil. O autor, que é francês e já trabalhou na Itália, analisa como ideólogos e especialistas em “Big Data”, intitulados por ele de “engenheiros do caos”, atuaram para que tipos como Donald Trump (EUA), Boris Johnson(Reino Unido), Jair Bolsonaro (Brasil), Mateo Salvini(Itália) e Viktor Orban(Hungria) chegassem ao poder.

Em comum, numa sucessão de gafes e polêmicas, vulgaridades e insultos, estes líderes nacional-populistas adotam discursos extremados contra os direitos humanos, imigrantes e minorias, insuflando grupos radicais de extrema-direita. Além disso, com a ajuda dos “engenheiros do caos”, a este grupo de fanáticos, somam-se, segundo o autor, “os votos de todos os revoltados e furiosos, e não apenas dos fascistas”, visto que estes líderes vendem a imagem de serem anti-establishment, contra “tudo o que está aí”.

Com o tratamento de dados dos eleitores, nem sempre obtidos legalmente, e propaganda direcionada baseada em fake news e teorias da conspiração, explorando sobretudo emoções negativas, como medo e raiva, as deficiências desses políticos são travestidas em qualidades. Segundo o autor, para os eleitores dos nacional-populistas, “as tensões que causam em nível internacional são vistas como mostra de independência, e as fake news, marca inequívoca de sua propaganda, evidenciam sua liberdade de pensamento”. O autor sublinha o caso de Donald Trump, que propagou a falsa notícia de que Obama teria nascido fora dos EUA, mais tarde Trump reconheceu o embuste, mas isto não o enfraqueceu diante de seus eleitores, pelo contrário. A polêmica combinou três ingredientes da campanha: fake news, teoria da conspiração e atração do eleitorado conservador branco, que não se conformava com as vitórias de Obama. O toque transgressor de faltar com a verdade reforça em seu eleitorado seu rompimento com o status quo, com o “politicamente correto”. Assim, o bilionário nova-iorquino Trump passa por alguém fora do sistema. Fazendo um paralelo com o Brasil, vimos um dos políticos mais fisiológicos do país pousar de combatente da “velha política”, impulsionado por suas falas e atitudes desconcertantes e o bombardeio direcionado de fake news no WhatsApp, a partir da compra de milhares de números de telefone.

O autor remonta ao movimento italiano 5 Estrelas que adotava a coleta de dados dos eleitores e de início pregava exatamente o que tais eleitores queriam ouvir, mas com o decorrer do tempo passou a direcionar e moldar opiniões de um modo muito específico, a partir da atuação da dupla Gianroberto Casaleggio e Beppe Grillo, que protagonizaram na Itália, um dos primeiros partido-algoritmo. Um ponto relevante é que a exploração da interação virtual trouxe a sensação de pertencimento e participação e com a evolução dos algoritmos, muitos insatisfeitos ficaram com a impressão de estarem participando de um levante histórico. Entre os “engenheiros do caos”, Giuliano elenca Steve Bannon, que orquestrou a vitória de Trump com o auxílio da Cambridge Analytica, assim como Dominic Cummings, diretor da campanha do Brexit.

O caso da eleição de Trump foi emblemático. Por meio de investimento maciço no Facebook e com a ajuda de especialistas digitais, milhões de mensagens foram enviadas a eleitores identificados por seus rastros na internet como indecisos, sendo novas mensagens desenhadas de acordo com as respostas deste público. Também foi feita campanha focada nos potenciais eleitores

de Hillary Clinton, no sentido de persuadi-los a não irem votar, já que o voto nos EUA não é obrigatório. Estes últimos foram divididos em três grupos: os simpatizantes de Bernie Sanders (candidato progressista que perdeu as primárias democratas para Hillary), mulheres jovens e afro-americanos residentes em bairros conturbados. Cada um recebia uma bateria de propaganda específica. Os primeiros recebiam mensagens que sublinhavam as ligações de Hillary com a comunidade financeira, as jovens mulheres eram bombardeadas com os escândalos sexuais sobre Bill Clinton, o marido de Hillary, insinuando sua conivência. Os afro-americanos residentes de guetos eram lembrados das restrições assistencialistas e de falas ou supostas falas racistas da candidata. Parte da campanha era gerenciada oficialmente pela equipe do candidato republicano enquanto blogueiros de sites da direita alternativa lançavam fake news e notícias deturpadas.

A campanha do Brexit, voltada para a saída da Grã-Bretanha da União Europeia é outro exemplo ilustrativo de propaganda focada. De início, físicos e estatísticos cruzaram informações dos eleitores a partir de consultas ao Google, participação nas redes sociais e banco de dados tradicionais, detectando-se os mais persuasíveis a aderirem a campanha do Brexit. A partir da coordenação de Dominic Cummings, os eleitores indecisos foram bombardeados com quase 1 bilhão de mensagens personalizadas ao longo das semanas que antecederam a votação. Por exemplo, aos preocupados com os direitos dos animais, apareciam mensagens apontando a negligência da União Europeia neste ponto, enquanto aos apreciadores da caça, eram direcionadas postagens sobre as restrições a armamentos que vinham sendo impostas pela União Europeia. As mensagens foram sendo aperfeiçoadas em tempo real, a partir dos retornos positivos.

O mérito do livro, no meu entendimento, é elucidar muitos aspectos da atuação dos “engenheiros do caos” na vitória de campanhas que promovem políticas desastrosas. Embora nem sempre seja explicitado, podemos traçar vários paralelos entre situações ocorridas no Brasil e outros países. Por exemplo, semelhanças entre a operação “Mãos Limpas” na Itália e a “Lava Jato”, o título de “capitão usado tanto por Salvini como por Bolsonaro, o nome “Aliança” do partido que Bolsonaro queria fundar, que não só retoma o nome da antiga Arena do Brasil, como outros partidos de direita mundo afora, etc.

Por um detalhe irrelevante quase deixei de ler o livro: em sua introdução o autor faz uma analogia com o carnaval, perpassando uma imagem bem negativa desta festa popular tão apreciada aqui. Há também um errinho factual sobre a epidemia de Zika no Brasil. Mas a principal fragilidade do livro, no meu entendimento, é que o autor pouco se reporta a quem financia os “engenheiros do caos”, ou à razão pela qual eles são financiados. No entanto, a leitura do livro foi muito proveitosa para mim, pois com informações detalhadas sobre casos similares de ascensão ao poder de pessoas e ideias esdrúxulas, podemos nos preparar melhor para reverter o avanço da extrema direita, passo importante para caminharmos rumo a um mundo mais pacífico, socialmente igualitário, feliz e em harmonia com a natureza.